

JOSÉ DE ABREU ALBANO

Manuel Bandeira

Uma noite destas conversava eu com o meu amigo Luiz Aníbal e não me lembro mais como a conversa recaiu em José de Abreu Albano. Pouca gente conhecerá esse nome. Foi um homem estranho, tocado de loucura, que deixou uns poucos poemas de inspiração docemente melancólica e grande perfeição de forma. Era para ele um ponto de honra só escrever em linguagem quinhentista, pois a do seu tempo lhe parecia de uma vulgaridade indigna da poesia.

Lembro-me de o ter visto várias vezes na Livraria Garnier: baixo, meio gordo, barba negra cerrada, monóculo, olhar penetrante, andava sempre metido numa sobrecasaca preta e chapéu de feltro mole. Lembro-me de o ter visto uma tarde contestar o que lhe dizia João Ribeiro: — “Não diga tolices, João Ribeiro! Não diga tolices!” Fiquei estupefacto com a liberdade daquelas palavras, porque João Ribeiro, que era meu mestre no Pedro II, me entupia de respeito.

Ora, Luiz Aníbal privara com o poeta em Paris, onde José Albano viveu longos anos. A família Albano mandava regularmente uma boa mesada ao expatriado. Mas este esbanjava o dinheiro em poucos dias e passava o resto do mês em quase miséria. Lá já não usava a sobrecasaca: adotou uma espécie de blusa de veludo cor de castanha e não dispensava as luvas, que eram pretas, e de tão surradas deixavam passar as pontas dos dedos.

Como se arranjava Albano para viver depois de acabada a mesada? Procurava os patricios recém-chegados e propunha-lhes (não pedia, não era nenhum mendigo!) subscreverem a próxima edição de suas obras poéticas completas.

— Quando é? indagava o novo subscritor, impressionado pelo aspecto insólito do visitante.

— Trezentos francos!

Naquele tempo era um soco na boca do estômago. Mas Albano acudia com a arnica: — Não é necessário pagar desde logo toda a importância: o sr. dá uma parcela por conta e eu voltarei a procurá-lo à medida que a impressão do livro progrida.

Albano saía com uma nota de cinqüenta francos e ia jantar em algum restaurante caríssimo. No dia seguinte estava de novo em apertos.

— Por que faz isso? perguntou-lhe uma vez Graça Aranha. Ao que o poeta respondeu com imensa dignidade:

— Os poetas têm direito ao nectar!

De uma feita chegou a Paris um paulista rico chamado Conceição. Albano indagou de Luiz Aníbal: — Esse sr. Conceição compreende a poesia?

O meu amigo, que via o estado de penúria do poeta e não podia no momento socorrê-lo, não teve dúvida em afirmar que sim. O paulista se hospedara no hotel mais caro de Paris, o Charidge. Albano dirigiu-se para lá e declarou com ênfase ao porteiro: — enho visitar o sr. Conceição. O homem olhou-o desconfiado e telefonou para o apartamento do hóspede. Anunciou “mr. Albano”. Sucedia que o correspondente do sr. Conceição em Paris era um francês de nome Albanel. E o ricoço respondeu com efusão ao porteiro que fizesse subir imediatamente o visitante. Imaginem agora a surpresa do sr. Conceição quando lhe entrou pelo quarto não Albanel, mas Albano, o nosso José de Abreu Albano, propondo-lhe a subscrição de suas obras poéticas completas, preço trezentos francos! Maior, porém, foi a surpresa do próprio poeta ao receber do bom Conceição a importância integral, coisa que nunca dantes lhe havia acontecido!

Desta vez o poeta foi passar dois dias em Deauville, a praia mais elegante de França: os poetas têm direito ao nectar!

Mas eu não estou batendo a máquina esta crônica para contar os expedientes de José Albano em Paris, expedientes em que não havia — é preciso que se note — nenhum espírito

de trapaça: o poeta era um homem digno e altivo: acreditava candidamente na futura edição de seus poemas. Estou escrevendo sobre ele porque Luiz Aníbal me revelou ter entre os seus papéis um poema de Albano que julgava inédito. Li os versos e me pareceram de uma grande beleza. Américo Facó, que era amigo do poeta é que poderá dizer se não realmente inéditos. Intitulam-se “Triunfo” e só por aí já se pode adivinhar a feição e sabor petrarquista deles. Descreve Albano em tercetos primorosos — os mais puros que escreveu — a visão de um cortejo de Vênus, onde lhe aparece a bem amada, a quem fala:

Ah não me deixe nunca andar sozinho.
Mas dá-me sempre em aflição tamanha
Um pouco de consolo e de carinho.
Ó meu sonho de amor, tu me acompanha
Por esta vida, às vezes tão escura,
Por esta vida, às vezes tão estranha.

Aqui não posso deixar de parar um pouco, porque já estou ouvindo o Augusto Frederico Schmidt dizer comovido: — Que beleza! (Realmente, que profundidade de mistério e sentimento neste simples verso: “Por esta vida, às vezes tão estranha!”).

A Musa consola o poeta na mesma maravilhosa terza-rima e são estas as suas últimas palavras:

E embora a gente humana te não louve,
Hás-de viver contente, conhecendo
Que Polímnia te inspira o Apolo te ouve.

E o poema acaba:

Assim falou e a flama em que me acendo
Dentro do coração ía aumentando
Enquanto a doce voz ía gemendo.

E ela, que de Cupido segue o mando,
Cortou no bosque os ramos duradouros
E co’um sorriso milagroso e brando
Me coroou de mirtas e de louros.

Há quem diga falando do poeta:

— Pobre Albano!

Eu não digo. Pobre coisa nenhuma! José de Abreu Albano foi um altíssimo poeta, escreveu um dos mais belos sonetos da língua portuguesa e de todas as línguas, viveu perfeitamente feliz dentro do seu sonho, na loucura que Deus lhe deu e na miséria que foi a criação de sua própria mão perdulária.